

O Ensinar E O Aprender Geografia Com Imagens: Refletindo O Fazer Pedagógico Com O Livro Didático

Teaching And Learning Geography With Images: Reflecting The Pedagogical Doing With The Textbook

Luana da Silva Freitas¹

Marco Pagel²

RESUMO

A pesquisa considera o objetivo de examinar as potencialidades didáticas de imagens contidas no livro didático de Geografia. Observando os procedimentos de pesquisa qualitativa procedeu-se a revisão bibliográfica, bem como o planejamento e a realização de duas atividades em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A estruturação revisão teórica, deu-se com o objetivo de compreender as potencialidades didáticas da linguagem imagética contidas no livro didático de Geografia, examinando as contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. A realização das atividades apresenta a práxis didática da pesquisa em que devolveu-se o planejamento e a realização do ensino. Com a realização das atividades verificou-se que as imagens contidas no livro didático tendem a serem significativas ao ensino-aprendizagem de letramento conceitual, tendo em vista que possibilita a associação pela linguagem imagética de paisagem a conceitos geográficos em sua fase inicial/introdutória. Com a realização das atividades verificou-se a expansão das capacidades de leitura e de reflexão imagética pelos alunos de conceitos geográficos, dado o desencadeamento perceptivo relacional (próximo-distante) aos lugares/paisagens. Valida-se, portanto, o aporte teórico pautado, onde assinalam a possibilidade de gerar vínculos/relações entre imagens aos temas/conteúdos geográficos abordados com aprendizagens ativas. Corroboram, de modo geral, que o acesso a conhecimentos derivados de abstrações conceituais tem mais êxitos com o manejo adequado de recursos didáticos pautados com a linguagem imagética. No mais, observou-se com a linguagem imagética possibilita maior flexibilidade ao uso do livro didático, expandindo-se a perspectiva didática de trabalho interpretativo das informações nele contidas.

Palavras-Chave: Imagens; Ensino de Geografia; Livro didático; Paisagem.

ABSTRACT

The research considers the objective of examining the didactic potential of images contained in the Geography textbook. Observing the qualitative research procedures, a bibliographic review was

1 Curso de Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, luana.freitas@unemat.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0290-4498>

2 Professor Adjunto, Curso de Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso. marco.pagel@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0054-174X>

carried out, as well as the planning and implementation of two activities in a group of the 6th year of Elementary School. The structuring of the theoretical review took place with the objective of understanding the didactic potential of the imagery language contained in the Geography textbook, examining the contributions to the teaching-learning process. The carrying out of activities presents the didactic praxis of the research in which the planning and carrying out of teaching was returned. With the accomplishment of the activities it was verified that the images contained in the didactic book tend to be significant to the teaching-learning of conceptual literacy, considering that it allows the association by the imagery language of landscape to geographic concepts in its initial/introductory phase. As the activities were carried out, students' ability to read and reflect on images expanded, given the relational perceptual triggering (near-distant) to places/landscapes. Therefore, the guided theoretical contribution is validated, where they indicate the possibility of generating links/relationships between images and geographical themes/contents addressed with active learning. It confirms, in general, that access to knowledge derived from conceptual abstractions is more successful with the proper handling of didactic resources based on imagery language. Moreover, it was observed that the imagery language allows greater flexibility in the use of the textbook, expanding the didactic perspective of interpretive work of the information contained therein.

Keywords: Images; Geography Teaching; Textbook; Landscape.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia escolar tem sido desafiado a romper com o desinteresse dos alunos nos estudos geográficos, o que significa revisar às atuais práticas tradicionais de ensino, geralmente estruturadas com base na memorização e na reprodução de informações contidas em livros didáticos. Observando a intensa presença e manejo de livros didáticos nas escolas públicas brasileiras, considerou-se o desafio de refletir aquele recurso, situando reflexões teóricas e possíveis encaminhamentos didáticos voltados ao ensino de geografia. Observando-se que as práticas copistas podem ser minimizadas, considerou-se o objetivo de examinar as potencialidades didáticas da linguagem visual contido em imagens nos livros didáticos de Geografia.

De modo a satisfazer o objetivo, buscou-se realizar a revisão bibliográfica pertinente, tratando de: a) identificar as relações entre recursos didáticos e o ensino de Geografia; b) compreender o significado da linguagem visual, contida em imagens do livro didático de Geografia; ao qual incluímos c) reflexões sobre possíveis atividades a serem realizadas no ensino de Geografia, no sexto ano do ensino fundamental. O sexto ano é apontado como foco de atenção, dado que é o

início da segunda fase do ensino fundamental, bem como o momento de início do trabalho didático, por parte do licenciado em Geografia.

No presente estudo, constata-se a significativa contribuição da linguagem visual das imagens do livro didático ao ensino de Geografia. Tal contribuição “evidencia que atualmente esse tipo de livro [didático] deixou a cultura escrita para trás como predominante e entrou numa nova, centrada numa cultura da imagem” (TONINI, 2003, p. 35). Neste sentido, situar-se-á as potencialidades da linguagem visual, ao atrair a atenção dos alunos, tendo em vista o acesso aos conhecimentos nos estudos geográficos.

A revisão bibliográfica considera-se Callai (2000), Tonini (2003), Bitencurt (1998), Cavalcanti (2008) entre outros, compondo a primeira parte do texto; segue a caracterização das relações entre a leitura da imagem e do significado à aprendizagem. Na segunda porção teórica, explicita-se as contribuições da linguagem imagética ao ensino de Geografia. Na terceira, assinala-se duas atividades de ensino com o uso de imagens; e, finalizando com observações ao objeto de pesquisa e as considerações finais.

A LEITURA DA IMAGEM E O SIGNIFICADO NA APRENDIZAGEM DO LUGAR

As leituras de imagens permeiam o nosso dia a dia em inúmeras circunstâncias cotidianas. Significa ampliar a percepção da leitura cotidiana com os estudos geográficos, revisar e impulsionar as concepções e as práticas de escolarização, que signifiquem a potencialização do entender, do aprender e do abstrair conceitos geográficos pelo Ensino de Geografia. Vejamos os desdobramentos daquela perspectiva a partir do livro didático de Geografia observando-se na linguagem imagética o seu conteúdo informativo.

O desenvolvimento da educação geográfica, segundo a perspectiva da leitura de imagens contidas nos livros didáticos tendem acrescentar novas possibilidades de ensino. Perspectiva que considera o aprender e o interpretar o espaço geográfico com a leitura de imagens. “Ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando, ao mesmo tempo, a forma como são elas construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico” (TONINI, 2003, p. 35).

O aprender a fazer leituras da paisagem/lugar é justificada pela necessidade interpretar o espaço geográfico, que tem início a partir do momento em que os alunos começam o reconhecimento dos lugares que os rodeiam e, assim conseguirem identificar (e distinguir) as diferenças e os contrastes espaciais. A disposição do

ensino da Geografia certamente deve deter-se nessa nova cultura imagética, na tentativa de desenvolver uma pedagogia preocupada com a leitura das imagens inscritas nos livros didáticos. Desse modo, é possível encontrar outra ampla dimensão educativa, outro campo de constituição de sujeitos muito úteis nas nossas práticas pedagógicas. (TONINI, 2003, p. 35)

A cultura imagética, extensiva à realização de leitura de objetos/ações próximos e distantes, demonstra ser a base para conseguir outras leituras, pois, à medida que incorporamos conceitos e que os instrumentamos reflexivamente em nosso repertório de conhecimentos. Notadamente,

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 1988, p. 5-6).

Segundo a perspectiva de Freire, a leitura do mundo vivido precede à leitura da palavra e, isso significa, a leitura de mundo.

A leitura segundo a percepção das imagens, dos objetos (e suas formas), de suas cores e, também de seus movimentos. As leituras das imagens nos livros didáticos podem significar uma outra forma de estimular a interpretação e reflexão de paisagens/lugares, proporcionando a aprendizagem de determinados elementos/conhecimentos do mundo, viabilizando a interconexão de noções pré-existentes àqueles conceitos por construir no campo do pensamento. Tal interconexão torna-se enriquecedora ao processo de percepção com a leitura das formas, o aprender a pensar o espaço, “significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (CASTELAR, 2000, p. 30).

O aguçamento da percepção visual ao avançar sob o impulso das leituras imagéticas podem gerar outras possibilidades de ensinar e de compreender as paisagens e as suas interfaces na organização do espaço geográfico. Neste sentido, o ensinar e o compreender a disposição dos objetos na paisagem partem da disposição de envolver a participação aprendiz dos alunos no

ensino-aprendizagem, tornando-os sujeitos de percepção das diferentes paisagens, na composição histórica e, as relações e nos arranjos dos sistemas de objetos e de ações.

Os objetos que interessam à Geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóvel tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. Esses objetos são do domínio do que se chama tanto da Geografia física como do domínio do que se chama a Geografia humana e através da história desses objetos, isto é, da forma que foram produzidos e mudam, essa Geografia física e essa Geografia humana se encontram. (SANTOS & HARAZIM, 2011, p. 59).

O estudo das imagens, ao buscar o entendimento da história e da espacialidade dos objetos, que compõem as paisagens, tende a contribuir no entendimento da relação entre o ambiente restrito do aluno (local) e o mundo, possibilitando ampliar o entendimento da complexidade socioambiental, presente na construção e na organização das paisagens humanizadas. Compreender a complexidade significa o despertar para a construção de relações espaciais a qual incide na capacidade de refletir sobre as realidades vividas, conseqüentemente sobre os níveis de conhecimentos que os alunos trazem à escola e que vão além dela.

Considerar como ponto de partida a aprendizagem do espaço vivido (lugar), bem como os conhecimentos prévios, que os alunos trazem à escola, equivale “considerar essa leitura do mundo inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, em si. Ele forjou-a no contexto do seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcando-a fortemente com sua origem social” (FREIRE; CAMPOS, 1991, p. 5).

Observar os conhecimentos trazidos à escola e aqueles por construir significa considerar os conhecimentos que as imagens demonstram sobre o espaço geográfico dos lugares, exercitando a vinculação de conceitos, no sentido de estruturar o exercício de expandir os saberes dos alunos em sala de aula, que vão além dos obtidos na escola. Ir além, nesse caso, abrange o exercício de aprendizagem e os estudos dos conceitos de paisagem geográfica que vêm sendo orientados e trabalhados nas últimas décadas, principalmente, relacionados às questões socioambientais com a leitura do mundo que se globaliza. Estas questões envolvem inúmeras formas de caracterizar ou orientar o ensino-aprendizado, observando formas ou interferências envolvidas no processo, mas o aspecto amplamente reconhecido, o fato de que se dê início ao estímulo à percepção do espaço geográfico, de modo que, desde crianças, os cidadãos possam identificar e interpretar os fenômenos

e as questões, que interferem em nosso meio, desde o lixo queimado na esquina, até as grandes queimadas no pantanal e as inundações em cidades ribeirinhas, entre outras interferências, que, de certa forma, se dá pela contribuição da mão humana.

De modo a identificar e a interpretar os fenômenos e as questões, faz-se necessária a compreensão em cada aluno-cidadão. Nessa compreensão, o estudo da espacialidade do lugar necessita da interpretação estendida à percepção do nosso campo visual, com a leitura do mundo complexo em que vivemos, considerando as influências recíprocas entre natureza e a relação humana. Influências recíprocas, pois, o espaço geográfico pode ser caracterizado pela presença de forças naturais e de seres humanos; que, num processo contínuo, realizam ações, que podem transformá-la, destruí-la, reconstruí-la ou preservá-la. O processo de construção da percepção do conhecimento da paisagem geográfica a ser desenvolvido em sala de aula pode ser mais próximo do espaço vivido por nossos alunos, isto é, do lugar em que estes constroem suas vivências.

O estudo do lugar significa ampliar reflexões sobre a paisagem geográfica, iniciado com leituras de determinadas paisagens, buscando identificar suas particularidades, parece requerer, além de atenção, a realização de encaminhamentos de ensino para isso, no sentido de perceber as condições de produção das paisagens como resultado da materialização das transformações socioambientais, e ler as transformações, bem como as ações geradoras, requer a habilidade expandida da leitura que o senso comum realiza, todavia distintos caminhos no estudo do lugar ou meio vivido podem contribuir entre si.

Para Callai (2000), o estudo do lugar/meio vivido tem sido direcionado a uma extensão territorial proximal de seus aprendizes, ainda que dividido em vários fragmentos, naturais ou modificados, ao considerar a soma das partes em uma dinâmica, podendo colaborar para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Para ampliar o desenvolvimento, haveríamos de ter outras práticas pedagógicas em sala de aula, voltadas ao ensino da Geografia e à compreensão – não, somente, a memorização – de objetos posicionados na paisagem geográfica. Voltar a atenção a leituras do espaço geográfico significa a compreensão da linguagem visual presente nas imagens e no seu significado ao ensino de Geografia.

A LINGUAGEM IMAGÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

O livro didático pode ser considerado um recurso amplamente disponível nas escolas de Educação Básica no Brasil, bem como pode se tornar um recurso didático limitado e estanque ou dinâmico e flexível. Sob tais perspectivas, o uso do livro didático em sala de aula pode ser analisado de diferentes ângulos e performances segundo as perspectivas que os moldam. Diante dos ângulos e das performances, dado aos limites deste espaço, considera-se o aspecto flexível e dinâmico, observando o “livro didático, como material a ser analisado, está longe de denotar questão trivial, tanto por ser um artefato eminentemente escolar, por estar no centro dos atuais projetos educacionais” (TONINI, 2003, p. 35).

Em comum, os projetos ensino contidos nos livros didáticos aparentam conter a imensidão de informações (enciclopédia) e níveis elevados de abstração do conhecimento, despreocupados com a situação cognitiva dos estudantes. Mas, as informações contidas seriam capazes, por si só, de direcionar o ensino e aprendizagem ativa? A linguagem imagética do livro didático teria alguma função? Qual seria a contribuição da didática docente?

Observando a perspectiva dinâmica e flexível do livro didático, considera-se examinar os elementos imagéticos contidos nos livros didáticos a fim de traduzir informações em aprendizagens de forma a tornar o trabalho didático mais dinâmico e flexível à práxis pedagógica do Ensino de Geografia.

O livro didático entendido com suporte didático ao trabalho docente, afastaria a prescrição ou determinação do “que” ensinar ou do “como” ensinar. Corriqueiramente, o “livro didático tem funcionado como a engrenagem principal da prática pedagógica. Por seu intermédio o conhecimento se organiza, quer adotando-o, quer seguindo-o como fonte de consulta” (TONINI, 2003, p. 36). Ainda, observa-se que os livros didáticos não são elaborados para atender às expectativas e necessidades de cada professor ou aluno e, até mesmo, do currículo de cada uma das escolas (do campo ou da cidade), que atenda as particularidades regionais de nosso imenso País e a diversidade socioambiental. O livro didático e o trabalho docente necessitam de ir além da textualidade.

Transpor a textualidade com o estudo das imagens, considera-se o entendimento da história e da espacialidade dos objetos, que compõem as paisagens, pode contribuir no entendimento da relação entre o ambiente restrito do aluno e o mundo, do qual faz parte (lugar), possibilitando a ampla visão da complexidade socioambiental, presente na construção e na organização das paisagens humanizadas. Compreender essa complexidade significa despertar para a construção de relações, com a capacidade de refletir sobre as realidades vividas e sobre os níveis de conhecimentos que os alunos trazem à escola e que estão além dela.

Estimular a construção de relações significa considerar como ponto de partida a aprendizagem do espaço vivido (lugar), bem como os conhecimentos prévios, que os alunos trazem à escola, equivale a dizer que o “educador deve considerar essa leitura do mundo inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, em si. Ele forjou-a no contexto do seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcando-a fortemente com sua origem social” (FREIRE; CAMPOS, 1991, p. 5).

Observar os conhecimentos trazidos pelos alunos para a escola e aqueles por construir significa considerar os conhecimentos que as imagens demonstram sobre o espaço geográfico dos lugares, exercitando a vinculação de conceitos, no sentido de estruturar o exercício de expandir os saberes dos alunos em sala de aula, que vão além dos conhecimentos obtidos na escola. Ir além, nesse caso, abrange o exercício de aprendizagem e os estudos dos conceitos de paisagem geográfica que vêm sendo orientados e trabalhados nas últimas décadas, principalmente, relacionados às questões socioambientais com as leituras do mundo que se globaliza. Estas questões envolvem inúmeras formas de caracterizar ou orientar o ensino-aprendizado, observando formas ou interferências envolvidas no processo, mas o aspecto amplamente reconhecido, o fato de que se dê início ao estímulo à percepção do espaço geográfico, de modo que, desde crianças, os cidadãos possam identificar e interpretar os fenômenos e as questões, que interferem em nosso meio, desde o lixo queimado na esquina, até as grandes queimadas no pantanal e as inundações em cidades ribeirinhas, entre outras interferências, que, de certa forma, se dá pela contribuição da ação humana.

De modo a identificar e a interpretar os fenômenos e as questões, faz-se necessária a compreensão em cada aluno-cidadão. Nessa compreensão, o estudo do espaço geográfico necessita da interpretação estendida à percepção do nosso campo visual, com a leitura do mundo complexo

em que vivemos, considerando as influências recíprocas entre natureza e a relação humana. Influências recíprocas, pois, o espaço geográfico pode ser caracterizado pela presença de forças naturais e de seres humanos, que, num processo contínuo, realizam ações, que podem transformá-la, destruí-la, reconstruí-la ou preservá-la. O processo de construção da percepção do conhecimento da paisagem geográfica a ser desenvolvido em sala de aula pode ser mais próximo do espaço vivido por nossos alunos, isto é, do lugar em que estes constroem suas vivências.

O estudo do lugar significa ampliar reflexões sobre a paisagem geográfica, iniciado com leituras de determinadas paisagens, buscando identificar suas particularidades, parece requerer, além de atenção, a realização de encaminhamentos de ensino para isso, no sentido de perceber as condições de produção das paisagens como resultado da materialização das transformações socioambientais, e ler as transformações, bem como, as ações geradoras requerem habilidades expandidas da leitura que o senso comum realiza, todavia, distintos caminhos no estudo do lugar ou meio vivido podem contribuir entre si.

Para Callai (2000), o estudo do lugar/meio vivido tem sido direcionado a uma extensão territorial proximal de seus aprendizes, ainda que dividido em vários fragmentos, naturais ou modificados, ao considerar a soma das partes em uma dinâmica, podendo colaborar para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Para ampliar o desenvolvimento, haveríamos de ter outras práticas pedagógicas em sala de aula, voltadas ao ensino da Geografia e à compreensão – não, somente, a memorização – de objetos posicionados na paisagem geográfica. Voltar a atenção a leituras do espaço geográfico significa a compreensão da linguagem visual presente nas imagens e no seu significado, relativamente ao ensino de Geografia.

Do ponto de vista metodológico, o manejo do livro didático em sala de aula requer que o planejamento docente reveja e/ou adapte os conteúdos à realidade da estudantes/escola/lugar, levando em consideração as suas especificidades. Ainda, requer ampliar reflexões sobre os “materiais invisíveis” que ele contém, dentre os quais, das potencialidades didáticas das imagens, o que, por vezes, passam quase despercebidas aos leitores (professores e alunos) do conteúdo informativo.

Ao atribuir-se atenção às imagens, considera-se o encaminhamento viável da mediação docente, dado que:

[o] professor mediador da aprendizagem precisa incitar a criança, o adolescente a desenvolver a capacidade estética, explorando o universo infinito das imagens. Desta maneira, estará estimulando-os a adentrar no universo da visualidade e a fazer uso da 'gramática visual', possibilitando descobertas e experiências por meio da leitura de imagens (TORRES, 2011, p. 14).

Situar a gramática visual significa a leitura da linguagem imagética presente no livro didático, ativando a percepção de elementos simbólicos contidos nas imagens, observando-os ou lendo-os em fragmentos distintos da grande e intensa realidade representada. A leitura de paisagens no livro didático é uma das formas de leitura do mundo vivido, partindo da alfabetização da paisagem pela observação e representação simbólica (abstração conceitual). Fala-se em alfabetização, uma vez que:

Trata-se de uma comparação entre algo que existe e aquilo que a imagem representa. A imagem é um processo de expressão inesperado e criativo e até cognitivo, uma vez que a imagem (ou metáfora) estimula a imaginação e descoberta dos pontos comuns entre os dois termos. Com isto é possível afirmar que uma imagem é, em simultâneo, uma metáfora, porque aproxima duas coisas diferentes; e uma descrição, visto que revela uma visão do mundo, real ou não real, representável ou irrepresentável pela racionalidade (MARTINS, 2010, p. 3).

Vemos que os processos de ler e de reler o que há no real representado perpassa as construções cognitivas de nossas experiências perceptivas e conceptivas de vida. Tais percepções construídas (e em construção) se apresentam passo a passo ao lermos o que nos cerca e, que faz aproximar o distante, abrindo os olhos (percepção) ao mundo e, desde então, avança ao captar fragmentos dos tipos de paisagens, entre outros detalhes, que dão clareza às novas leituras. Simplesmente, como o olhar leitor de ver e não de passar por cima.

A leitura dos livros didáticos de Geografia, considerando suas imagens, torna-se a peculiaridade em nossa área de conhecimento, dadas as muitas possibilidades construtivas de conhecimento geográfico na Educação Básica. Trata-se de conhecimento pautado na produção perceptiva ao interpretar a espacialidade das imagens, das figuras e dos mapas icônicos. Interpretação que traz uma imensidão de informações, que são destinadas à aprendizagem, bem como a tradução de uma didática orientada ao ensino-aprendizagem do conhecimento geográfico; visto que:

O conhecimento geográfico registrado nas imagens dos livros está oficializado como saber, é o que está circulando na escola. Ao capturar este saber, evidenciam-se as redes e tramas que instituem, que entram em cena para constituir, para manter e perpetuar formas de significação. O interesse não é examinar os significados trazidos pelos livros didáticos com o objetivo de questionar a correspondência entre ele e uma suposta verdade, mas analisar como ocorre a produção dessa rede de regularidades. (TONINI, 2003, p. 37).

Atentar às possibilidades de realizar a leitura/produção do conhecimento geográfico presente em imagens no livro didático, pode refinar a percepção sobre o “oculto” em cada representação imagética, revisando os objetos e as tramas das ações, expondo os estilos de figuras de linguagem, os cenários, os mecanismos narrativos, as circunstâncias socioambientais das coisas sobre o mundo vivido. Nesse horizonte, as representações imagéticas, podem ultrapassar a textualidade, no que se pretende trazer à tona ou revelar.

Em termos de significância textual, podemos identificar uma vastidão de conteúdos e de elementos conceituais, aos quais as imagens são capazes de atribuir e expandir sentidos ao estabelecer vínculos proximais, visto que as ilustrações aproximam os códigos de linguagem escrita. Tais ligações tornam possível fazer a leitura, mesmo que o código de linguagem escrita não seja claro (a maturidade leitura infanto-juvenil), abrindo espaço à compreensão pela leitura das imagens e, que tenha que ir além dela.

A respeito da leitura das imagens, “elas são tantas e passam tão rapidamente diante de nossos olhos, que mal podemos vê-las e ter a oportunidade de selecioná-las com propriedade” (PONTUSCHKA et al, 2009, p. 278). Em um mundo cada vez mais veloz que imprime transformações na linguagem imagética, nas diversas mídias, significa que estamos acompanhando a leitura reflexiva à indústria cultural a qual vivenciamos?

Pensar geograficamente as imagens significa dar importância a uma forma de linguagem voltada à educação praticada no ambiente escolar. A linguagem instrumentalizada pelo livro didático desafia-nos a sua compreensão, tendo em vista a valorização da aprendizagem significativa. Diante do desafio em pauta, sugere-se o avanço da práxis pedagógica com imagens, o que leva ao apontamento de possíveis encaminhamentos didáticos a serem realizados no contexto do ensino de Geografia, com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

POSSIBILIDADES DIDÁTICAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA COM IMAGENS

Seguem apontamentos sobre possíveis atividades e seus respectivos encaminhamentos didáticos a serem realizados no contexto do ensino de Geografia, tendo, como ponto de partida o livro didático disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do Ministério da Educação, utilizado por uma das escolas públicas do município de Cáceres (MT) no ensino de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental. O livro em questão foi elaborado por Dellore (2018) e apresenta inúmeras imagens ilustrativas dos temas/conteúdos tratados, sendo utilizado no período de Estágio Curricular, quando realizou-se parcela desta pesquisa.

Dellore (2018) busca desencadear o processo de ensino-aprendizagem mediante a vinculação relacional, a aproximação, das imagens com o conhecimento geográfico pautado, atrelando-as aos temas/conteúdos abordados. A vinculação entre as imagens e os temas/conteúdos abordados pode ser considerada um recurso didático, quando se observa que a disposição é justificada em sua utilização.

Observaram-se as relações e os contextos do uso do recurso e dos conteúdos a serem posicionados no ensino experimental, aqui, denominados possibilidades de atividades didáticas no ensino de Geografia, especificamente, ao sexto ano do ensino fundamental. Tais atividades são pautadas na leitura de imagens, de modo a contribuir com o reconhecimento dos elementos que compõem a paisagem geográfica, bem como com o estabelecimento de uma linguagem apropriada a outras leituras, mais elaboradas, sobre do mundo vivido. Consideramos, também, o efeito da linguagem visual, que torna o conhecimento mais acessível e atrativo no ensino fundamental, despertando maior interesse nos alunos. Sob tais condições, pensar em recursos didáticos que sejam capazes de abranger a dimensão visual de conteúdo, torna-se, para nós, professores, de valia, principalmente, se desejamos, ao ensino de Geografia, o despertar da curiosidade pelo conhecimento trazido no texto, intensamente motivado por cores e por traços, que ocupam as formas nas paisagens.

Diante das crescentes dificuldades de deslocamento dos estudantes em aula a campo (principalmente do Ensino Fundamental), incluir imagens no repertório didático docente pode

significar uma inovação viável. Inovação, esta, que pode elevar o imaginário dos alunos a outros lugares, sem sair de casa ou de sala de aula, potencializando a eficácia do uso do livro didático em nossas jornadas de ensino. Observando tais aspectos, destacamos as seguintes possibilidades didáticas, a partir do uso de imagens no ensino de Geografia.

ATIVIDADE 1 – PAISAGEM-TEMPO

Tendo enquanto objeto de trabalho introdutório ao conceito de meio urbano, iniciou-se a atividade com a seleção de duas imagens (no caso, as figuras 1 e 2), revisando as informações no texto (DELLORE, 2018) e realizando pesquisa adicional de forma a contextualizar com informações pertinentes às transformações da paisagem do lugar.

Figuras 1 e 2 – Xangai (China), em 1984 (à esquerda); e, em 2013 (à direita) Fonte: Dellore (2018).



Fonte: Acervo dos autores (2022).

As figuras ilustram o mesmo local (distante), porém, com paisagens (e tempos) diferentes; por quê?

A exposição busca visualizar a extensão das mudanças trazidas pelo trabalho humano no transcorrer do tempo, contendo objetos, formas, funções e processos que moldaram a paisagem urbana. O aspecto visível do modelamento possibilita identificar algumas das transformações ocorridas naquele espaço urbano, podendo ser visualizado, por exemplo, a permanência e a alteração de áreas arborizadas, dando lugar a “florestas de concreto e de aço”.

Ao identificar algumas das transformações com os alunos, pode-se associá-las ao amplo movimento de mudanças, induzido pela economia que globaliza os lugares, influenciando extensos aspectos da vida social urbana. Inclusive podem ser observados, no decorrer temporal, outros

processos de urbanização (ampliação da malha urbana, aumento populacional, ampliação e setorização dos processos industriais e/ou comerciais, etc.).

Apresentar imagens de lugares distantes, até então desconhecidos aos alunos do sexto ano do ensino fundamental (de 11 a 13 anos de idade), pode não ser de imediata assimilação. Neste sentido, haveria que se considerar a possibilidade de solicitar aos alunos a buscarem localizar imagens (fotografias, recortes de revistas ou jornais, etc.) de lugares próximos as suas residências; portanto, “conhecidos” por eles.

De posse das imagens, solicite os alunos que façam redação com a descrição da paisagem pretérita e, posteriormente, a comparação, em relação à paisagem presente (ativa na memória), de modo a que os estudantes possam identificar algumas das mudanças, bem como o que as provocou.

A atividade sugerida pode contribuir, significativamente, no desenvolvimento perceptivo dos alunos, cabendo ao docente a prática do estímulo, apontando algumas interrogações, por intermédio de frases curtas, a serem fixadas em uma primeira porção da lousa (quadro negro). Na segunda porção, pode-se fazer o registro escrito de palavras ou frases, também curtas, originadas das interpretações dos estudantes. Entre as interrogações possíveis (compatível com o vocabulário dos estudantes), destacamos algumas:

- O que tem na figura 1? (explorar a imagem mais recente);
 - Por que esses objetos estão na figura x? (identificar os possíveis motivos/ações);
 - O que faz com que os objetos estejam na figura x? (explorar causas e efeitos);
- Sempre foi assim?

Na sequência:

- O que tem na figura 2? (explorar a imagem pretérita);
 - Por que esses objetos estão na figura y? (identificar os possíveis motivos/ações);
 - O que faz com que os objetos estejam na figura y? (explorar causas e efeitos das ações);
- Sempre foi assim? (comparar a imagem presente com a pretérita).

A atividade tende a atingir o pico de aprendizagem, quando se tem, como ponto de partida, imagens do lugar vivido pelos alunos, todavia o espaço vivido dificilmente estaria presente no livro didático. Para suprir tal lacuna, o docente haveria de recorrer a um banco de imagens do lugar vivido pelos estudantes. Uma vez obtidas e indagadas as imagens do lugar vivido, faz-se oportuno retomar as imagens do livro didático – neste caso, das imagens de Xangai –, buscando estabelecer correlação

ou interconexão entre o próximo e o distante. Vinculação que permite estruturar múltiplos conhecimentos pertinente ao local e o global, sendo “fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local” (CALLAI, 2000, p. 85).

A compreensão da realidade assume feição de aprendizagem com a produção de novos significados, a partir das leituras do lugar (espaço vivido), promovida pelo ensino de Geografia. Esta compreensão avança com a percepção dos agentes transformadores/modeladores que atuam na paisagem onde os alunos estão inseridos; lê-las significa o exercício do raciocínio geográfico.

Tal exercício de raciocínio geográfico tende aprimorar a leitura de mundo ao aluno. Ler o lugar significa empregar meios de construir representações do espaço e reconhecer-se nele. Ler as representações imagéticas/paisagísticas podem permitir que os alunos entendam os lugares, compreendendo suas historicidades e, a dinâmica do espaço geográfico. Assim, avolumando o despertar de interesses pelo bairro, pela cidade e do conhecer o que está por trás das ações aparentes e as conexões entre os sistemas de objetos e de ações.

De modo a não pensar uma atividade estanque, considerou-se outras possíveis; todavia, diante dos limites deste espaço, acrescentou-se apenas uma outra atividade, a qual será apresentada, em síntese, a seguir.

ATIVIDADE 2 – LUGAR-MUNDO

Dando prosseguimento ao apontamento de encaminhamentos didáticos envolvendo leituras de imagens, considerou-se a possibilidade de expandir a percepção e a abstração do espaço geográfico ao associar outras imagens à atividade anterior, de modo a ampliar as informações pertinentes às paisagens urbanas.

Constitui objetivo da atividade lugar-mundo abstrair as diferenças entre lugares, suas paisagens e suas transformações, a diversidade de povos e de culturas do mundo, sem ter de sair da sala de aula, bem como potencializar a utilização do livro didático; aquele recurso tão presente nas escolas brasileiras.

A sequência da atividade é indicado que os alunos trabalhem em duplas, tendo em vista o exercício de aprendizagem com o outro, ao realizarem reflexões conjuntas, acerca dos temas propostos. Há, também, o prosseguimento do trabalho didático com problematizações e com a indução de debates de modo a desequilibrar/reequilibrar as concepções dos alunos, retirando-os de suas zonas de conforto de pensamento, impulsionando-os a aprendizagens de outros conceitos, estabelecendo relações e, somando ou substituindo outros conceitos aos existentes.

Notadamente, na primeira atividade, buscamos identificar a multiplicidade de objetos, que compõem a paisagem urbana; na segunda atividade, é indicado dar atenção a um objeto específico, explorando algumas das características específicas do lugar. Deste modo, seguem as imagens e, posteriormente as problematizações, considerando as relações/diferenças entre espaço público local e distante (figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4 – Praça Pedro Sanchez, em Poços de Caldas (MG), Brasil (2015) (à esquerda) e templo religioso, em Seul, Coreia do Sul (à direita).



Fonte: Dellore (2018).

Entre as interrogações possíveis aos alunos, destacamos algumas:

- O que tem na figura 3? (imagem local);
- Por que esses objetos estão na figura x? (identificar os possíveis motivos/ações);
- O que faz com que os objetos estejam na figura x? (explorar causas e efeitos);
Sempre foi assim?

Na sequência:

- O que tem na figura 4? (explorar a imagem da paisagem distante);
- Por que esses objetos estão na figura y? (instigar o imaginário dos alunos a identificar os possíveis motivos/ações);
- O que faz com que os objetos estejam na figura y? (explorar causas e efeitos das ações);

-Tem algo da figura 3 na 4? (comparativo entre as imagens/paisagens urbanas).

Assim como na atividade anterior, observou-se o pico de aprendizagem ao incluir imagens do lugar vivido/conhecido pelos alunos, recorrendo ao banco de imagens dos lugares (fotos, revistas, jornais e etc.) conhecidos pelos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao buscar relacionar as imagens local e distante, podemos ir além da observação empírica local, instigando os alunos à apreensão da memória familiar, avançando e atualizando o conhecimento pertinente a outros lugares, bem como averiguando as múltiplas influências culturais na construção das paisagens. Nesta atividade, importa o estímulo à memória, que inclui o raciocínio lógico espacial, ao conseguirem realizar aproximações, comparações ou relações entre os lugares. Outras problematizações podem somar aprendizagens, à medida do envolvimento dos alunos na atividade, aglutinando novos significados à linguagem visual e enriquecendo a linguagem escrita do livro didático.

Aliado à linguagem visual, encontra-se o estímulo à imaginação de cada aluno residente do espaço urbano, ao refletir sobre sua condição de vida e ao consequente reposicionamento diante das percepções plurais sobre o espaço local por seus colegas.

De modo a explorar a imaginação pode-se acrescentar na atividade a realização de desenhos de objetos/paisagens com o objetivo de medir a representação da percepção dos alunos, em relação ao tema, o que pode demonstrar o nível de aprendizado dos alunos.

Em se tratando do envolvimento de linguagens diferenciadas no ensino de Geografia, sugere considerar as imagens exímia ferramenta de representação espacial e de expressão de olhar perceptivo dos alunos, perante a apreensão do espaço geográfico. Percepção que emerge da apreensão ao estabelecer correlação ou interconexão entre o próximo e o distante. Uma vinculação que permite estruturar múltiplos conhecimentos pertinentes ao local-global, seja considerado

fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local (CALLAI, 2000, p. 85).

A compreensão da realidade local-global assume feição de aprendizagem com a produção de novos significados, a partir das leituras do lugar (espaço vivido), promovida pelo ensino de Geografia. Esta compreensão avança com a percepção dos agentes transformadores/modeladores da paisagem, em que os alunos estão inseridos, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Tal espécie de exercício empresta ao raciocínio geográfico o objetivo de aprimorar a leitura de mundo do aluno, ao estudar o lugar, ao empregar meios de construir representações do espaço e ao se reconhecer nele. Estas representações podem permitir que os alunos entendam os lugares, compreendendo suas historicidades e a dinâmica do espaço geográfico, com vistas a despertar interesses pelo seu bairro, pela sua cidade e a instigar a conhecerem o que está por trás das ações aparentes e as conexões entre os sistemas de objetos.

Com a realização das atividades com os alunos verificou-se condições favoráveis de aprendizagem ao relacionar as imagens, a local e a distante, demonstrou-se ir além da observação empírica local, instigando os alunos à apreensão da memória familiar, avançando e atualizando o conhecimento pertinente a outros lugares, bem como averiguando as múltiplas influências culturais na construção das paisagens.

Nesta atividade, importa estímulos à memória que inclui o raciocínio lógico espacial, ao conseguirem realizar aproximações e comparações (ou relações) entre os lugares. Também, outras problematizações podem ser acrescentadas somando aprendizagens à medida do envolvimento dos alunos na atividade, aglutinando novos significados à linguagem visual e enriquecendo a linguagem escrita do livro didático.

Do mais, observou-se que aliado à linguagem visual, encontra-se o estímulo à imaginação dos alunos residentes do espaço urbano e, ao refletirem sobre suas condições de vida, somam as percepções uns aos outros à espacialidade local. De modo a explorar a imaginação pode-se acrescentar a atividade, a realização de desenhos de determinado objeto/paisagem, tendo o objetivo de identificar aspectos de percepção dos alunos em relação ao tema; inclusive em demonstrar o nível de aprendizado dos alunos.

Em se tratando do envolvimento de linguagens diferenciadas no ensino de Geografia, podemos considerar as imagens como recurso didático seja expressiva ao possibilitar conduzir situações de ensino em que se orienta a percepção, e expressão de olhar leitor dos alunos perante o espaço geográfico.

O texto deve seguir o padrão Introdução, Caracterização da área de estudo (Opcional), Metodologia, Resultados e Discussões, Considerações Finais, Agradecimentos (Opcional) e Referências como estrutura mínima para o artigo submetido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa apontou que a leitura de imagens do livro didático de Geografia mostra-se uma alternativa assertiva, proporcionando expandir reflexões sobre os conceitos (abstração teórica) de Geografia aos alunos do sexto ano do ensino fundamental; potenciando a exposição de conceitos da análise geográfica explicitados na paisagem, fixando o ensino na aprendizagem.

A fixação de aprendizagem verificada com a elevação da capacidade de estabelecer relações entre os vários conceitos do saber geográfico e a compreensão dos movimentos de mudança, observando as condições pretéritas e os tipos de transformação ou organização presentes no espaço geográfico.

Finalmente, observou-se o efeito desejado da linguagem imagética, a obtenção de um conhecimento mais acessível e mais atrativo aos alunos do ensino fundamental, despertando um maior interesse, por parte daquele público. Do mais, o manejo didático da leitura de imagens dos livros didáticos pôde acrescentar novas possibilidades à educação geográfica, incentivando o aprender e a interpretar o espaço nos primeiros estudos geográficos, abordando o lugar em que vivem, avançando com o entendimento sobre outros lugares, mais distantes e mais abstratos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. Livros didáticos entre textos e imagens. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia do livro didático 2007: apresentação: séries/anos iniciais do ensino fundamental /** Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2006.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTELLAR, S. M. V. A alfabetização em Geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

DELLORE, C. B. **Aribabá Mais Geografia**. São Paulo: Moderna, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1988.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. O. Leitura da Palavra... Leitura do Mundo. **O Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro. v. 19, n. 2, p. 4-9, fev. 1991.

MARTINS, C. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**: Apontamentos sobre a fotografia. World Press Photo, 2010.

PONTUSCHKA, N. N.; CACETE, N. H.; PAGANELLI, T. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, M.; HARAZIM, D. O mundo não existe. *In*: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TONINI, I. M. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. **Revista de Geografia da UFC**, ano 2, n. 4, 2003.

TORRES, M. R. **A importância da leitura de imagens para o ensino de artes visuais**. 2011. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

WETTSTEIN, G. O que se deveria ensinar hoje em Geografia. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005.